

**BREVE HISTÓRICO DO PROGRAMA PET**Prof. Dr. Otávio Peres Filho<sup>1</sup>Prof. Dr. Darci Secchi<sup>2</sup>

No ano de 1968, em plena vigência do governo militar, foi realizada uma Reforma do Ensino Superior (Lei 5.540/68) que, dentre outras medidas, extinguiu as cátedras, introduziu os exames vestibulares para ingresso nos cursos superiores, institucionalizou os cursos de pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado), flexibilizou a organização curricular, facultou a aglutinação das faculdades em universidades e permitiu a criação de novos cursos e de novas instituições de ensino superiores.

A proliferação indiscriminada de universidades privadas associada à baixa qualidade do ensino básico e à falta de estímulo para a qualificação dos professores das instituições públicas, forçou a adoção de políticas de incentivo à pós-graduação, centradas, especialmente, na formação de docentes e de estudantes que desejassem ingressar na carreira do magistério superior. Como parte desse cenário, o então diretor geral da CAPES, professor Cláudio de Moura Castro, instituiu um programa denominado **Programa Especial de Treinamento - PET**.

É importante ressaltar que a inspiração para iniciativas similares ao PET remontam ao final dos anos 50, quando o Professor Ivan Leite de Magalhães Pinto, coordenador do Curso de Economia e Administração da Universidade de Minas Gerais, desenvolveu um projeto considerado inovador para a época. Consistia na organização de grupos de estudos compostos por professores e por cinco ou seis alunos de cada turma, que dedicavam tempo integral ao aprofundamento das respectivas temáticas de ensino e pesquisa. Esses grupos atuavam em redes de apoio mútuo e passaram a atrair os melhores quadros institucionais. Como o projeto trouxe resultados positivos os professores passaram a pesquisar sobre trabalhos semelhantes em outros países e encontraram, nos EUA, o *Honor Programs*, que desenvolvia o treinamento avançado

---

<sup>1</sup> Tutor do Grupo PET Engenharia Florestal/UFMT

<sup>2</sup> Tutor do Grupo PET Educação/UFMT



de estudantes em cursos mais rigorosos, destinados aos melhores alunos. Em 1979, quando o professor Cláudio de Moura Castro assumiu a direção da CAPES, decidiu testar um programa que incorporava elementos presentes nas duas experiências. Surgiu assim o Programa Especial de Treinamento, vinculado à CAPES/MEC, do último presidente militar – o general Figueiredo.

Inicialmente, foram criados apenas três grupos PET vinculados, respectivamente, aos cursos de Economia da PUC-RJ e da UNB e de Direito da USP. Seguiam, em linhas gerais, os mesmos propósitos do PET atual: tempo integral; infraestrutura de apoio adequada; melhores alunos e a designação de um professor-tutor, responsável pelo grupo. Para Maria Auxiliadora Dessem, o PET (Programa Especial de Treinamento) passou por quatro fases distintas:

a) Fase experimental (1979-1985): nesse período a CAPES convidava um professor interessado pelo Programa para tutorar um grupo. A idade e a quantidade dos alunos era bastante diversificada. Depois da avaliação de 1984, muitos grupos criados em 1981 foram desativados por não se enquadrarem na filosofia e estrutura do PET. Nesse período, o acompanhamento das atividades era precária e não havia orientação normativa, apenas um documento explicando a filosofia, metodologia e objetivos do PET. Poucos eram os grupos que enviavam seus relatórios das atividades à CAPES. Um resumo dessa situação pode ser avaliado no Quadro 1.

Quadro 1 - IES, programas e bolsistas de 1979 a 1985.

<b>ANO</b>	<b>IES</b>	<b>PROGRAMAS</b>	<b>BOLSISTAS</b>
1979	3	3	15
1980	3	3	22
1981	9	16	106
1982	9	16	115
1983	14	28	177
1984	11	17	151
1985	14	20	201



b)Institucionalização do Programa (1986-1989): foi realizada em dois níveis: dentro da própria CAPES e nas IES. Na CAPES o programa passou a ser gerenciado pela Coordenadoria de Bolsas no País – CBP, responsabilizando-se por implementar as ideias contidas na proposta de reformulação do PET. O PET foi oficializado por meio de um documento denominado **Orientações Básicas do PET – 1987**. Nesse ano ocorreu também a primeira expansão formal do Programa. Pelo novo manual ficou estabelecido, após intensa discussão com os tutores, o número máximo de 12 bolsistas e o mínimo de 8. O manual previa também a elaboração semestral de relatório e do plano de atividades de cada grupo, que deveriam ser enviados à pró-reitoria responsável e à CAPES. Nessa fase foram criadas as coordenações de área, para acompanhamento e avaliação dos grupos. As coordenações e a institucionalização permitiram que o PET fosse consolidado e visto positivamente, como um programa de incentivo à melhoria do ensino de graduação e pós-graduação. A síntese da expansão pode ser visualizada no Quadro 2.

Quadro 2 - IES, programas e bolsistas de 1986 a 1989.

ANO	IES	GRUPOS	BOLSISTAS
1986	14	19	202
1987	19	41	308
1988	33	82	461
1989	33	82	519

c)Expansão desordenada (1990-1992): esse período é caracterizado pelo crescimento desenfreado do programa, gerando problemas de gerenciamento à CAPES, especialmente devido a falta de recursos para a informática, operacionalização do programa e falta de pessoal para atender às demandas dos grupos. A avaliação suspensa em 1991, foi retornada em 1992. Nesses dois anos foi elaborado o **Manual de Orientações Básicas PET – 1991/1992**, que evidenciou problemas em relação ao histórico do Programa, como a definição de um tempo mínimo de permanência no programa e um máximo de 4 anos, além da limitação da idade máxima para ingresso, até os 22 anos. Os relatórios e os planos de atividades



passaram a ser anuais e havia um incentivo de uma bolsa de mestrado concedida ao bolsista com rendimento destacado. Houve o fortalecimento do Programa nas universidades e a criação de setores específicos para o seu gerenciamento interno. A síntese da expansão nesse período pode ser visualizada no Quadro 3.

Quadro 3 - IES, programas e bolsistas de 1990 a 1992.

ANO	IES	GRUPOS	BOLSISTAS
1990	31	77	594
1991	46	145	893
1992	49	237	1642

d) **Consolidação do Programa (1993-1994):** Foi o período da reorganização do Programa. Foi realizado um diagnóstico do Programa compreendendo os anos de 1990 a 1993, com o intuito de orientar o planejamento e realizar a avaliação dos grupos, o que resultou na exclusão de diversos grupos. Forma-se um grupo de trabalho para elaborar um novo **Manual de orientações básicas PET**. Também foram criados novos grupos (Quadro 4).

Quadro 4 - IES, programas e bolsistas de 1993 a 1994.

ANO	IES	GRUPOS	BOLSISTAS
1993	49	237	2284
1994	54	255	2613

Em 1994, Fernando Henrique Cardoso assumiu a presidência da República e indicou Paulo Renato de Souza como ministro da Educação, que, por seu turno designou Abílio Baeta Neves como presidente da CAPES e Luiz Valcov Loureiro como diretor de programas da agência. Com essa nova diretoria iniciou-se o processo de desmantelamento interno do programa, por entender que o Programa não condizia com as prioridades da nova gestão.

**Desestruturação interna (1995-1997):** O Manual de Orientações Básicas PET-1995 foi lançado e contratado o Núcleo de



Pesquisa do Ensino Superior da USP (NUNESP/USP), sob a coordenação da Professora Elizabeth Balbachevsky para analisar o Programa. O relatório apresentou dados altamente satisfatórios, contrariando a nova gestão da CAPES, o que não teve relevância para o professor Loureiro. Inconformado com os resultados da consultoria independente, foi formada uma comissão de três tutores, consultores da área do Programa, porém sem vínculo com o PET. Procederam-se dezesseis visitas em instituições, escolhidas aleatoriamente, e avaliados 144 programas. Novamente, os resultados apontaram resultados relevantes dentro dos propósitos do Programa, no entanto, foram sugeridas modificações, como a vinculação direta do programa com a pró-reitoria de graduação, o aprimoramento do sistema de avaliação, o fortalecimento da estrutura do programa e a avaliação dos egressos. Restou evidente que as diretrizes gerais do programa assemelhavam-se às do relatório Boyer, elaborado em 1995 pela Carnegie Foundation, objetivando avaliar as universidades de elite norte-americanas. Mesmo com dois relatórios apresentando resultados positivos a CAPES suspendeu as avaliações anuais e em dezembro de 1997, através do ofício circular DPR 020/97, reduziu em 50% a quantidade de bolsistas, extinguiu o custeio e o prêmio da bolsa anual de mestrado ao estudante destacado.

#### **AS TENTATIVAS DE DESESTRUTURAR DO PROGRAMA E O MOVIMENTO DE DEFESA DO PET**

A política de desmantelamento do PET pelo Ministério da Educação desencadeou o **Movimento em Defesa do PET**, que durou cinco anos. Em março de 1998 a CAPES emitiu um ofício circular que comunicava às universidades um corte de 30% dos recursos anuais. Esse ato gerou uma manifestação de 600 pessoas de todo o país em frente ao Ministério, seguido de



uma reunião bastante tensa na CAPES. Após muitas discussões, o corte foi reduzido para 10% (conf.17/3/1998). Assim, os tutores e estudantes voltaram a receber as bolsas, porém as antigas bolsas prêmio de mestrado e as verbas para professor recorrente, nunca mais retornaram ao programa.

Com as ações comprometidas devido aos cortes, tutores e bolsistas voltaram a se mobilizar e se articularam para reverter o quadro. O movimento retornou ao Planalto Central em dezembro do mesmo ano para novas manifestações, tendo como protagonistas quinze grupos da UNESP, que levaram ao MEC suas ponderações e reivindicações por meio de um documento denominado ‘Carta de Araraquara’.

Ao longo do ano de 1999, o futuro do PET continuava incerto, porém o movimento se fortalecia, uma vez que os 20 anos de existência do Programa lhe conferia mais ânimo e militância dos seus membros. O PET não era mais apenas um programa; transformara-se também em um movimento propositivo e reivindicatório associado a outros movimentos pela melhoria das universidades brasileiras.

Foram muitos anos de idas e vindas, manifestações públicas, reuniões intermináveis, articulações políticas em todo o Brasil. O PET se fortalecia como movimento, convicto do seu trabalho e da necessidade de manter-se atuando, embora o governo federal insistia na sua extinção e na criação de um programa mais restrito e seletivo, desconsiderando toda a experiência acumulada e os resultados positivos alcançados.

O período foi marcado por uma intensa agenda de ações e mobilizações, dentre as quais destacamos:

- a) Organização de encontros anuais, de âmbito nacional - os ENAPET -, quase todos coincidindo com a reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – PBPC. O primeiro ENAPET ocorreu na PUC-SP no ano de 1996 e, desde então, vem sendo realizado anualmente. No ano de 2015 ocorreu a sua XXI edição na UFPR em Belém (PA).
- b) Realização anual dos encontros regionais do Programa (SulPET, SudestePET, NordestePET e ECONPET – Encontro do Norte e Centro-Oeste). A partir



de 2014 os encontros regionais do Norte e Centro-Oeste ocorrem separadamente com os nomes de NortePet e ECOPET.

c) Criação do grupo PETBR-1 para a comunicação on-line entre os grupos e como forma de articulação nacional;

d) O Grupo PET-Informática da UFSM criou a página PET-Reage: a Resistência, que passou a concentrar informações sobre a situação do programa nos aspectos legais e formais;

e) Foi criado um chat para discutir a situação e a avaliação do programa, bem como a organização do movimento. O chat foi criado;

f) É criado pelo PET-Farmácia da UFRJ o grupo PET-1, uma lista de e-mails para a comunicação ágil, eficiente de baixo custo;

g) O PET-Engenharia Elétrica da UNESP criou uma lista nacional, de caráter fechado, sem censura ou restrição de manifestações denominada PETBR. Ela veio a tornar-se um importante espaço de sustentação do debate e do movimento PET.

h) A criação do site da CENAPET – Comissão Nacional do Programa PET representou um marco na organização das informações oficiais sobre o programa, bem como uma forma de debater e divulgar as principais iniciativas de tutores e estudantes do PET.

### **A CONSOLIDAÇÃO DO PET**

A luta para a sobrevivência do programa, além de extensa, é repleta de múltiplas ações, indo desde as manifestações estudantis até as históricas reuniões com a CAPES e o MEC. Nesse campo de batalha, políticos simpatizantes ao programa articulam em prol de sua continuidade e até ocorrendo envolvimento de ações de natureza jurídica.

No final de setembro de 2000, o professor Abílio Baeta assinou um documento justificando a transferência do PET para a SESu/MEC. A razão fundamentava-se que a CAPES era um órgão voltado à realidade e necessidade da pós-graduação brasileira.



Cogitou-se até a incorporação do PET ao CNPq (do Ministério da Ciência e Tecnologia) mas, depois de um período de maturação, juntamente com a Comissão Executiva Nacional, o PET permaneceu no MEC.

Passados longos anos de lutas e incertezas, no dia 14 de julho de 2002, finalmente, foi publicado no Diário Oficial da União, a Portaria 647, que estabeleceu as diretrizes de avaliação e acompanhamento do PET no âmbito da Secretaria de Ensino Superior - SESu. Na mesma data foi publicada também a Portaria 648 que instituiu a Comissão Nacional de Avaliação e Acompanhamento - CENAPET composta por membros da SESu e do PET. Hoje, a CENAPET é reconhecida oficialmente como interlocutora oficial para assuntos relacionados ao PET.

Em 2004, na gestão do ministro Tarso Genro, foi proposto e alterado o nome do PET que passou a denominar-se Programa de Educação Tutorial. E o programa passou a ter como objetivos centrais a melhoria do ensino de graduação; a formação acadêmica ampla do aluno; a interdisciplinaridade; o planejamento, execução e avaliação coletiva; a perspectiva tutorial e um programa diversificado de atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão. O Programa só veio a ser instituído formalmente no ano seguinte por meio da Lei 11.180/2005 e, finalmente, regulamentado pelas Portarias nº 3.385/2005, nº 1.632/2006 e nº 1.046/2007.

Em 2010, quando do último edital de abertura de novos Grupos PET, o MEC publicou a Portaria 976/2010, que alterou a estrutura do PET e incorporou a ele o *Programa Conexões de Saberes*. Além das alterações na estrutura do Programa, a Portaria trouxe inovações como a “definição de tempo máximo de exercício da tutoria, a aproximação com a estrutura acadêmica da universidade e a definição de estruturas internas de gestão do PET” (MEC, Legislação do PET).

Mais, recentemente, a Portaria nº 343/2013 do MEC incorporou, na identidade da Educação Tutorial, diversas recomendações tais como a capilarização da Educação Tutorial para além dos Grupos PET, de forma a articular a Extensão e a Pesquisa com as atividades de Ensino. Ao mesmo tempo reafirmou o propósito de desvincular os tutores dos respectivos Grupos após três anos de atuação (prorrogáveis por mais três).



Tal medida reascendeu o debate histórico sobre a natureza da atividade tutorial e evidenciou as mais diversas formas de percebê-la e executá-la (se como encargo acadêmico; como ‘mandato’; como missão ou sacerdócio; como espaço de reflexão/ação política etc.).

### **A INCORPORAÇÃO DO PROGRAMA CONEXÕES E SABERES AO PET**

Conforme pode ser verificado no site, o projeto **Conexões de Saberes** começou a ser desenvolvido no Brasil em 2001 pelo Observatório de Favelas no Rio de Janeiro, como um programa do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS). Seu objetivo era apoiar os estudantes de origem popular para permanecerem na faculdade, o maior desafio verificado depois do seu ingresso nos respectivos cursos.

Em 2004, o Ministério da Educação criou uma parceria com o Observatório e inseriu o programa nas instituições federais de ensino superior do país. Em contrapartida, dois mil bolsistas de 33 universidades de todo o país produziram pesquisas a partir de seus lugares de origem e sua realidade específica.

A UFMT aderiu ao Conexões de Saberes em 2006-2007, com a coordenação da professora Ivone Maria Ferreira da Silva, Departamento de Serviço Social. Em 2009, a professora Mirian Tochiko Sewo assumiu a coordenar o Programa e, a partir de 2010, passou a contar também com a colaboração das professoras Cassia Fabiane dos Santos Souza e Rosa Lucia Rocha Ribeiro.

Em 2010, quando do último edital de abertura de novos Grupos PET o Programa Conexões de Saberes foi incorporado ao Programa PET por força da Portaria 976/2010.

Hoje, superadas as dificuldades decorrentes da reorganização do Programa, o PET se mantém forte e ativo e conta com mais de 800 grupos espalhados por todo o país. Todos os que conhecem o programa sabem das dificuldades de gerenciamento e da necessidade de eventuais ajustes, mas também atestam que o PET tem contribuído muito com a melhoria dos cursos de



graduação e vem disponibilizando quadros qualificados para a pós-graduação e para o mercado de trabalho.

### O PET NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO – UFMT

O primeiro grupo PET organizado na Universidade Federal de Mato Grosso foi no curso de Engenharia Florestal, no ano de 1981. Trata-se de um dos grupos mais antigos do país e mantém-se forte e atuante por 35 anos. Depois foram criados grupos em Educação e Geologia e, mais tarde, em Geografia e Educação Física. Atualmente, a UFMT conta com 14 grupos, criados em diferentes contextos e com diferentes ênfases, como pode ser visto no quadro abaixo.

**Quadro 1 – Grupos PET da UFMT, ano de criação, tutores e campus.**

GRUPOS	A NO DE CRIAÇ ÃO	TUTORES	C AMPUS
1. Engenharia Florestal	1981	Carlos Ferreira de Abreu Castro, Ary Teixeira de Oliveira Filho, Zenésio Finger e Norman de Barros Logsdon (Co-tutor), Carlos Ferreira de Abreu Castro e Otávio Peres Filho (Co-tutor) e Otávio Peres Filho (atual).	C uiabá
2. Educação	1989	Tarso Mazzotti, Maria Benício Rodrigues, Sandra Vinagre e Darci Secchi (atual)	C uiabá
3. Geologia	1995	Antônio Vecchiatto, Amarildo Salina Ruiz, Gislaine Amores Battilani e Debora Alameda Faria (atual)	C uiabá



4. Educação Física	2 006	Carlos Alexandre Fett e Waléria Christiane Rezende Fett (atual)	uiabá
5. Geografia	2 007	Onélia Carmem Rossetto e Rodrigo Marques (atual)	uiabá
6. Conexões de Saberes Indígena	2 010	Carmen Lúcia da Silva	C uiabá
7. Conexões Diferentes Saberes e Fazeres na UFMT	2 010	Cassia Fabiane dos Santos Souza e Regina Aparecida da Silva (atual)	C uiabá
8. Conexões de Saberes Diálogo com a comunidade	2 010	Laura de Carvalho (atual)	R ondonópolis
9. Conexões de Saberes Inclusão, Diversidade e Protagonismo	2 010	Mírian Tochiko Sewo (atual)	C uiabá
10. Conexões de Saberes, universidade, saúde e cidadania	2 010	Rosa Lúcia Rocha Ribeiro (atual)	C uiabá
11. Matemática	2 010	Wanderleya Nara Gonçalves Costa (atual)	A raguaia
12. Engenharia Elétrica	2 010	Walkyria Krysthie Arruda Gonçalves (atual)	C uiabá
13. Medicina	2 010	Alexandre Paula Machado e Ziliani da Silva Buss (atual)	uiabá
14. Educação Interdisciplinar	2 012	Eglen Silva Pipi Rodrigues (atual)	R ondonópolis



O PET tem por fundamentação filosófica a realização da denominada ‘tríade acadêmica’ nos cursos de graduação das universidades brasileiras. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão viabiliza uma práxis pedagógica em que tutores e estudantes, participam de forma igualitária e dialógica da produção, registro e divulgação de conhecimentos relevantes para as suas respectivas áreas. Além disso, os Grupos PET desenvolvem ações junto às comunidades, grupos ou segmentos sociais com poucas possibilidades de convívio com o meio acadêmico, o que viabiliza aprendizados recíprocos e excelentes oportunidades de formação profissional.

A presença dos grupos PET da UFMT se consolida também no cenário regional e nacional, pela realização de encontros, participação em eventos e eleição de nossos quadros para serem representantes do Programa.

A UFMT realizou o IX ENAPET, em 2004, e dois encontros regionais - o VI ECONPET em 2008 e o I ECOPET em 2014. O IX ENAPET foi extremamente importante para o Programa, e projetou a UFMT no cenário nacional. Naquele encontro que contou com mais de 1200 participantes, foi deliberado sobre a mudança de nome do Programa. O PET deixou de ser um Programa Especial de Treinamento e passou a ser chamado Programa de Educação Tutorial, adequando o nome a sua práxis tutorial. Rompia-se ali uma antiga resistência do MEC que considerava o PET um “treinamento especial” ao invés de um “programa de educação tutorial”. Outro aspecto relevante do evento foi o ‘xeque-mate’ que a comunidade peteana aplicou ao MEC sobre o atraso na liberação das bolsas. A principal alegação era a ‘falta de estrutura e de pessoal para gerenciar os recursos’. Em reunião com os representantes do MEC, a reitoria da UFMT prontificou-se a gerenciar o pagamento de todas as bolsas PET do país, o que foi inicialmente aceito, porém não chegou a ser implementado, uma vez que o MEC resolveu assumir dessa tarefa... Esse episódio pôs fim a vários anos de luta para equacionar o assunto!

O VI ECONPET foi realizado no ano de 2008 em Cuiabá e Chapada dos Guimarães e reuniu quase 500 membros dos grupos PET do Centro-Oeste e da Amazônia. A temática central do evento - “*Compromisso sócio-ambiental: tecendo os caminhos do Planeta Azul*” - fechou com brilho um importante debate que ocorria em todo o país sobre a responsabilidade das universidades com os temas sociais e ambientais. O evento foi considerado um dos mais produtivos e proveitosos realizados na região.



O Iº Encontro Centro-Oeste dos Grupos PET – I ECOPET, realizado em 2014 e em Cuiabá, teve como tema a “*Associabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão*”. O principal mérito do evento foi a inversão de percepção acerca da tríade acadêmica. Ao invés de tratar da sua ‘indissociabilidade’, passou-se a debater as diversas formas de ‘associabilidade’ nas atividades acadêmicas. O documento gerado no evento serviu de base para debates e proposições no XXI ENAPET. Foi o primeiro encontro sem a participação dos grupos PET da região Norte que, a partir de 2014 passaram a realizar um evento regional próprio.

### **ALGUNS DESAFIOS PARA O FUTURO DO PROGRAMA**

A Educação Tutorial pressupõe um processo de construção coletiva, de aprendizagem e produção de conhecimento, em permanente dialógico entre os integrantes do grupo e destes com os demais membros da comunidade universitária. Assim é possível promover a autonomia sem desrespeitar as diferentes temporalidades, prioridades e temas de interesse de cada campo de atuação.

Tais propósitos poderão ser alcançados com maior amplitude e rapidez sempre que forem asseguradas condições propícias e o envolvimento prioritário de estudantes, tutores e comunidade educativa.

Dentre os desafios ainda não alcançados plenamente, destacamos:

- a) O cumprimento das normas legais do programa em termos do pagamento de bolsas e custeio, maior agilidade e interatividade com o sistema de gerenciamento e comunicação – SIGPET; regularização e melhoria da qualidade do fluxo de informações oficiais do Programa;
- b) Interlocução ágil e qualificada entre a SESU e as Pró-Reitorias de Ensino de Graduação, de Pesquisa e de Apoio Estudantil nos aspectos relacionados ao acompanhamento e avaliação do Programa, bem como no atendimento da contrapartida de cada instituição em termos de espaço físico adequado, mobiliário, equipamentos de



informática, apoio para eventos; suporte pedagógico e divulgação das atividades dos diferentes grupos PET;

c) Apoio às atividades do Comitê Local de Acompanhamento e Avaliação - CLAA como forma de acompanhamento das atividades; valoração e defesa do Programa e manutenção do fluxo das informações e das deliberações de lá emanadas.

d) Atualizações regulares por parte dos Grupos dos seus respectivos sites, blogs ou redes sociais similares, como forma de socializar as informações, apresentar proposições, discutir conteúdos em esfera local, regional e nacional.

e) Promoção de atividades de integração entre os grupos (abertas à comunidade universitária) por meio de promoções culturais, lúdicas, esportivas etc. a fim de reforçar a dimensão coletiva e melhorar a compreensão filosófica e legal do Programa.

f) Definição de um calendário de eventos para a reflexão dos propósitos do PET, como forma de (re)pensar o Programa em suas características e especificidades, estimulando a participação de todos no desafio de melhorar a qualidade dos respectivos cursos de graduação.

g) Participar dos espaços estratégicos e de decisão no âmbito estudantil e docente, como das representações políticas internas, dos colegiados e congregações, das comissões, bancas, publicações, enfim, do meio em que se produz, delibera e/ou divulga o 'fazer universitário'.

h) Discutir com os Colegiados de Curso a possibilidade de incluir no histórico escolar do aluno as ações específicas dos grupos PET como carga horária (e respectivos créditos) em atividades complementares.

i) Reivindicar que os programas de pós-graduação passem a contar nos respectivos processos seletivos para o mestrado a pontuação dos discentes do PET, de modo idêntico a dos estudantes PIBIC.

j) Visando à saída de tutores, identificar e manter um 'banco de possíveis docentes' que tenham o perfil requerido e que possam se candidatar à tutoria em caso de vacância, desistência ou substituição do atual tutor.

Como se percebe, são iniciativas singelas e plenamente possíveis de serem implementadas com o empenho e a dedicação de todos os segmentos envolvidos. Essas e tantas



## Revista Pedagogia - UFMT

n.4 Julho (2016)

outras medidas que resultem na melhoria do Programa dependem, acima de tudo, de nós mesmos. Porquanto, continuemos na luta por um PET cada vez mais forte, ativo e feliz.

Colaborou neste Artigo, a quem agradecemos:

Profa. Rosa Lúcia Rocha Ribeiro